

TEMPO E ESPAÇO EM CARTAS ESCRITAS POR MULHERES ENCARCERADAS

Bárbara Luísa Teixeira Diniz da Fonseca Fulton (PIC-UEM), e-mail: ra84467@uem.br; Maria Eduarda Faria de Souza (PIC-UEM), e-mail: ra102863@uem.br; Cristiane Carneiro Capristano (Orientadora-UEM), e-mail: cccapristano@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) / Maringá, PR.

Área: 80100007 – Linguística / Subárea: 80101003 – Teoria e Análise Linguística

Palavras-chave: tempo/espaço, cronotopo, escrita, mulheres.

Resumo

Neste resumo, são apresentados resultados de pesquisa na qual foram analisadas doze cartas escritas por mulheres em situação de cárcere na Penitenciária Feminina do Distrito Federal (DF). Objetivou-se identificar quais foram os recursos escolhidos pelas escreventes para registrar relações espaço-temporais e, com isso, discutir em que medida esses recursos rerepresentavam sentidos que refletiam e refratavam a relação dessas mulheres com o outro, conforme Bakhtin (2014 [1979]). Para tanto, inspiramo-nos, metodologicamente, no Paradigma Indiciário, como formulado por Ginzburg (1989). Para nossa análise, tivemos como bases teóricas contribuições do círculo de Bakhtin, especialmente a discussão sobre cronotopo (2014[1979]); a enunciação, tempo e espaço, de acordo com Benveniste (1989); e a noção de escrita, conforme Corrêa (1997). Observou-se que foi na tentativa de alcançar uma escrita mais formal, a partir da imagem feita pelas mulheres encarceradas do juiz (destinatário das cartas) que se mostrou o modo como essas mulheres são afetadas pela (sua) relação com o outro e, como, com base nessa relação, registravam relações espaço-temporais.

Introdução

O encarceramento feminino no Brasil não é somente uma realidade, como também uma falha social. Segundo dados do **Infopen Mulheres 2018**, havia 42,3 mil mulheres em situação de cárcere no país, um crescente de 455% de 2000 a 2016. A escrita, dentro do cárcere, acaba sendo o único instrumento que elas encontram para suprimir as ausências deixadas pela privação da liberdade.

Nessa pesquisa, objetivou-se identificar quais foram os recursos escolhidos pelas escreventes para registrar relações espaço-temporais e, com isso, discutir em que medida esses recursos reapresentam sentidos que refletem e refratavam a relação dessas mulheres com o outro, conforme Bakhtin (2014[1979]).

Segundo Amorim (2006), com o conceito de cronotopo, Bakhtin tinha por objetivo evidenciar, através de uma linha do tempo do romance, uma imagem de homem no decorrer das épocas. De acordo com a mesma autora, cronotopo “é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto” (AMORIM, 2006, p. 102).

Para compreendermos a fusão dos índices espaciais e temporais, do ponto de vista enunciativo-discursivo, nos pautamos nas concepções de *tempo* e de *espaço* a partir de Benveniste (1989), e também a ideia de *enunciação*, segundo o mesmo autor.

Conforme Benveniste, enunciação é definido por “este colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p.82), ou seja, apoderar-se da língua para enunciar.

Quando olhamos para o processo de escrita das cartas e o desenvolvimento das análises, sustentamos nossa discussão na noção de *escrita* proposta por Corrêa (1997, 2001, 2004, 2007a, 2007b, 2013, dentre outros).

Corrêa (1997) trata o processo de produção escrito a partir de sua relação com o mundo e com o falado e a interligação sujeito/linguagem. Segundo o mesmo autor, o escrevente circula por um imaginário sobre a escrita, sobre o interlocutor e sobre si mesmo, durante o processo de escrita. Sendo a escrita uma prática social e historicamente determinada, ocorre no momento único e irrepetível em que um sujeito enuncia e, ao fazer isso, (re)estabelece relações com seu(s) destinatário(s).

Materiais e métodos

O material da pesquisa constituiu-se de doze cartas escritas na Penitenciária Feminina do Distrito Federal (DF) por mulheres em situação de cárcere. As cartas foram encaminhadas à Defensoria Pública do Distrito Federal da Vara de Execuções Penais do Distrito Federal nos anos de 2014 e 2015. Essas cartas foram publicadas originalmente na dissertação de mestrado intitulada “Vozes silenciadas: percepções sobre o acesso à justiça em cartas das presas” (CARVALHO, 2017). Essas cartas estão anexadas a dissertação que, por sua vez, encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico do Repositório Institucional da Universidade de Brasília (Unb): <http://repositorio.unb.br/handle/10482/24856>.

Em nossa pesquisa, as cartas foram analisadas qualitativamente. As análises foram inspiradas em procedimentos teórico-metodológicos definidos pelo Paradigma Indiciário, como formulado em Ginzburg (1989). Nessa perspectiva, convém ao pesquisador realizar a análise qualitativa simultânea

à observação, optando por quais ocorrências devem ser consideradas e abandonadas (SUASSUNA, 2008).

Para este resumo, apresentamos, na seção seguinte, apenas a análise de uma carta, devido ao espaço reduzido. Escolhemos a carta de Topázio.

Resultados e Discussão

A autora inicia sua carta marcando a data da forma esperada para o gênero (indicando *cidade, dia, mês e ano* e destacando graficamente essa indicação). Também usa da forma esperada um vocativo. Esse vocativo, embora adequado, é registrado em discordância com as convenções ortográficas: “Exelentíssimo Ministro Joaquim Barbosa”. No uso desse vocativo, a escrevente constrói uma ponte interativa com um *outro presumido*, e com uma organização cronotópica que supõe um interlocutor e uma circunstância de enunciação marcadas pela formalidade e pelo distanciamento de posições entre a escrevente e o seu leitor, bem como pelo distanciamento espaço-temporal. Topázio também assina no final da carta, como esperado pelo gênero.

Na tentativa de alçar-se ao *outro presumido*, a escrevente faz registros ortográficos que destoam da convenção tida como padrão da escrita, como em “inciste” (insiste – conjugado na terceira pessoa do singular no presente do indicativo) e “Vôz” (vos – pronome oblíquo átono de segunda pessoa do plural). Observa-se, ainda, a expressividade da fala presente em sua escrita quando, nas últimas linhas, a escrevente suplica seu pedido ao juiz “por isso Vôz suplico”, usando o “Voz” equivocadamente (com letra maiúscula e em desacordo com as convenções ortográficas) e quando termina a carta com a expressão “por favor”, intensificando seu pedido juiz.

Nos dois momentos em que Topázio carrega seu enunciado de sentimento e marca a expressividade da fala, ela projeta o leitor para o seu momento de enunciação, à semelhança do que ocorre em uma interação face-a-face, no qual o enunciado está muito dependente do contexto de enunciação. Nesses momentos, o *outro* projetado deixa de ser o juiz *presumido* e altera-se para um interlocutor *imediatos*. A mudança de endereçamento gera uma mudança na organização cronotópica do enunciado. Ao carregar sua fala/escrita de expressão/sentimento, Topázio indicia a heterogeneidade de sua escrita, uma vez que evidencia a sua participação nas práticas sociais orais.

Conclusões

No desenvolvimento da pesquisa, observamos que a organização cronotópica (espaço-tempo) se desenvolveu envolta da tentativa das mulheres em alcançar uma escrita mais formal, a partir da imagem que elas construíam de seu(s) destinatário(s).

Existe, também, uma regularidade no *conteúdo* das cartas: a descrição e/ou a apresentação das relações familiares e das características das famílias dessas mulheres. A presença desse conteúdo em várias cartas se mostrou,

para nós, como índice de como essas mulheres em situação de cárcere constroem sua identidade nas cartas.

Entendemos que o contexto sócio-histórico no qual ainda vivemos arquiteta uma imagem feminina idealizada, centrada fundamentalmente na figura das *donas de casa, submissas e limitadas*. Essa imagem feminina é um reflexo do sistema oriundo de uma cultura religiosa, de uma sociedade predominantemente cristã e patriarcal. Nesse sistema, a mulher deve “constituir uma família” para ter seu caráter aprovado. Nas cartas analisadas, o atendimento a esse *sobredestinatário* cristão/patriarcal cumpre o papel de construir uma imagem de mulher como uma cidadã de bem. Parece que, para as mulheres em situação de cárcere, passar a imagem de “cidadã de bem”, preocupada com a família, poderia influenciar o seu destino sentencial.

Referências

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave/Beth Brait. (Org.) São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-114.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989

CORRÊA, M. L. G. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. **Cadernos da F.F.C.**, v. 6, n. 2, p. 165-186, 1997.

INFOPEN Mulheres. **Levantamento nacional de informações penitenciárias**. 2ª edição. SANTOS, T. (Org.). ROSA, M. I. *et al.* (col.). Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2017. [versão online]. Disponível em:
http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopenmulheres/infopenmulheres_arte_07-03-18.pdf.

SUASSUNA, L. Pesquisa qualitativa em educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 341-377, jan.\jun., 2008.